

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO DE SALTO GRANDE DO PARANAPANEMA

O sítio arqueológico **Salto Grande do Paranapanema** (SGP-040.658) corresponde aos vestígios de uma aldeia pré-histórica situada na margem direita do Rio Paranapanema, no Município de Salto Grande, Estado de São Paulo. Sua descoberta deveu-se à implantação de um projeto urbanístico pela municipalidade (chácara de recreio). A movimentação de terra decorrente da construção das primeiras edificações, principalmente na Chácara 7, evidenciou os remanescentes de uma antiga aldeia indígena, tais como, vasilhas de cerâmica (inclusive várias urnas funerárias), fragmentos cerâmicos em grande quantidade, carvões, corantes e restos esqueléticos humanos. Após algumas coletas feitas por amadores e curiosos, fato divulgado pela imprensa regional, a notícia chegou até a coordenação do **Projeto Paranapanema**, ainda no Museu Paulista da USP. Realizada a vistoria, o sítio foi cadastrado e inserido no sub-programa PP-SALV.CNS, que cuida das pesquisas de salvamento arqueológico da área de influência dos reservatórios das UHEs Canoas I e II. Os trabalhos, financiados pela CESP – Companhia Energética de São Paulo, incluem levantamentos arqueológicos e ambientais nos municípios paulistas de Cândido Mota, Palmital, Ibirarema e Salto Grande.

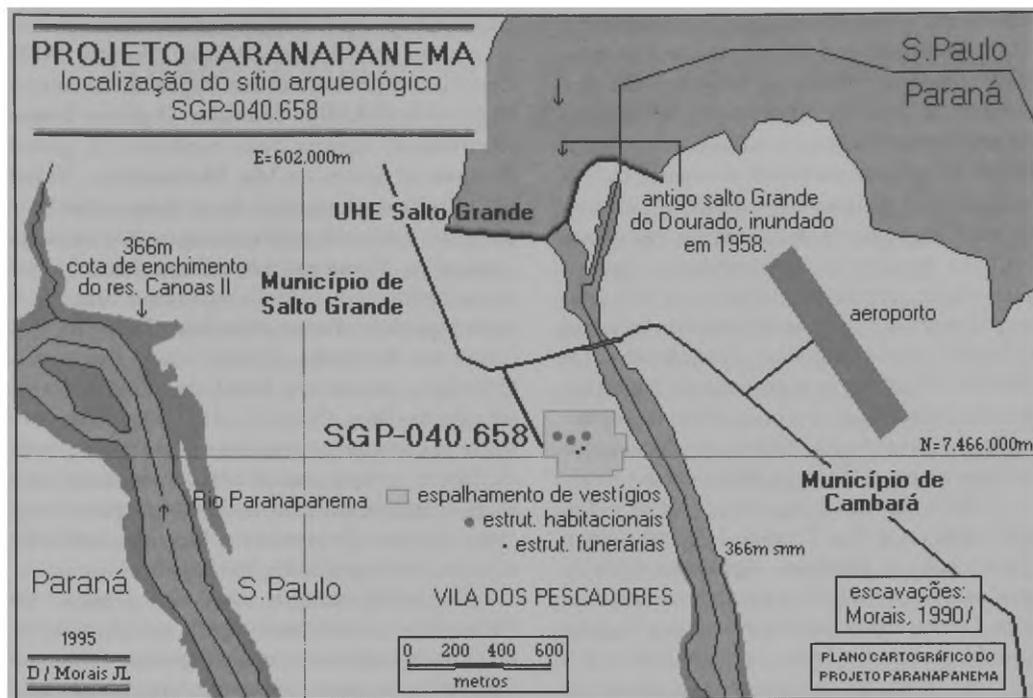
A aldeia pré-histórica

Salto Grande do Paranapanema é uma aldeia pré-histórica possivelmente implantada há mil anos. Ainda sem datação absoluta, as características de seu *design* e a tipologia de seu equipamento colocam-na, todavia, em similaridade temporal com as aldeias descobertas e estudadas por **Luciana Pallestrini** no Paranapanema médio-superior. A primeira prospecção foi realizada em 1985, quando foram feitos os primeiros registros cartográficos, bem como as coletas sistemáticas iniciais do material em superfície. A partir de 1990, foram feitas intervenções mais profundas, principalmente nos trechos intra-muros, em meio aos alicerces de algumas construções. Em 1991, foi retirada a primeira urna, em decorrência de

escavação sistemática. Não se tem notícia das urnas (duas ou três) retiradas anteriormente por pessoas não qualificadas. O método adotado no levantamento da planta da aldeia é o das **superfícies amplas**. Para a evidenciação das estruturas habitacionais e funerárias, adota-se o **método etnográfico**. A conjugação dos dois métodos, idealizada com sucesso por **Pallestrini** a partir dos ensinamentos de **Leroi-Gourhan**, permite acentuar o uso da cartografia como poderosa ferramenta no campo da interpretação. Os resultados estão permitindo a formação de um **banco de dados** cartográficos informatizado que alimentará o SIG (Sistema de Informações Geo-Referenciadas) do Projeto Paranapanema.

No desenho organizacional do Projeto, o sítio arqueológico se localiza na região 2 – Bacia Média, meso-região 24 – Canoas, micro-região 242 – Canoas Sul. As coordenadas geográficas do sítio são 22 graus, 54 minutos e 42 segundos de latitude sul e 49 graus, 59 minutos e 40 segundos de longitude oeste. As coordenadas do sistema UTM são E = 604.097,0 m e N = 7.465.837,0 m.

A implantação da aldeia se deu em terraço areno-argiloso de superfície extensa, levemente inclinado para o Rio Paranapanema (sítio de classe 11 no quadro das classes de tipologia topomorfológica do Projeto Paranapanema). O terraço se situa 500 metros a jusante do salto Grande ou do Dourado, o maior acidente do leito do Paranapanema, afogado desde 1958 pelo remanso do reservatório da UHE Salto Grande. No entorno, a forma de relevo predominante é de colinas amplas (classe de relevo 212, do quadro das formas regionais de relevo do Projeto Paranapanema), onde predominam interflúvios com área superior a 4 km², topos extensos e aplainados e vertentes com perfis retilíneos a convexas. A drenagem é de baixa densidade, com padrão sub-dendrítico, vales abertos e planícies aluviais interiores restritas (eventualmente ocorrem lagoas perenes ou intermitentes). Os principais elementos da coleção hídrica regional são o Paranapanema e seus afluentes Pardo e Novo. O suporte geológico regional são os basaltos da Formação Serra Geral (unidade JKsg, do quadro das



unidades litoestratigráficas do Projeto Paranapanema). Localmente afloram arenitos intratrapianos finos, intensamente silicificados. O clima é do tipo Cfa (sistema Köppen), sub-tropical, com verões quentes e chuvosos e invernos acentuados, com ocorrência de geadas.

A conjunção de fatores ambientais favoráveis concretizou um substrato paisagístico adequado para a implantação da aldeia pré-histórica de Salto Grande do Paranapanema. O locus de implantação, caracterizado pelo terraço marginal elevado, com declividade máxima de 2 %, consolida uma sistemática de povoamento que se populariza vale abaixo, por volta de mil anos atrás: da ocupação das colinas dissecadas pelos pequenos afluentes da percée do Paranapanema (lá fortemente encaixado no basalto), muda-se, a partir da foz do Itaré, para a ocupação predominante de terraços então suficientemente extensos para suportar aldeias com 10 hectares. O basalto foi duplamente benévolo: por um lado, decomposto mediante um longo processo físico-químico, proporcionou fartos “barreiros” próprios para a obtenção da argila necessária para a fabricação de utensílios de cerâmica; por outro, funcionou como rocha-encaixante

para os finos grãos de areia que, após processo de silicificação, resultaram em arenito de fratura conchoidal excelente para a fabricação de armas e ferramentas.

Os restos esqueléticos

Como frisado, o sítio Salto Grande do Paranapanema é rico em urnas funerárias. Anteriormente às intervenções arqueológicas, a Sra. Eidenir Fredrichsen, proprietária da Chácara 7, ao abrir as valas para a implantação dos alicerces de sua residência, desenterrou duas urnas de onde exumou dois esqueletos humanos em estado de conservação relativamente bom. Contudo, ambos registravam a ausência de diversos ossos devido a fragmentações recentes causadas pela retirada e armazenamento inadequados. Tal fato impossibilitou observações contextuais mais acuradas, produzindo lacunas que prejudicaram o entendimento do grupo humano que ocupou o sítio.

O material recebeu tratamento no laboratório do Museu de Arqueologia e Etnologia, que consistiu na limpeza, identificação, remontagem, inventário e descrição morfoscópica preliminar, oca-

sião em que se recuperou quase integralmente o crânio da **sepultura 1 (S1)**. A calvária se apresenta completa. Porém, na face, registra-se a ausência de parte da órbita esquerda, das asas maiores e menores do osso esfenoide esquerdo e direito, de pequena porção do osso nasal, da fossa escafoide e da lâmina horizontal do palatino. Os arcos zigomáticos se encontram fragmentados. As maxilas e a mandíbula, após a remontagem, registram ausência total dos dentes por perda *in vivo*, com absorção do processo alveolar, configurando-se desdentadas. Os côndilos mandibulares se apresentam fragmentados. Os ossos longos, em bom estado de conservação, registram fragmentações, em alguns casos na diáfise ou nas epífises, ora distais, ora proximais.

O indivíduo da S1 era provavelmente velho, com idade entre 50 e 55 anos, de acordo com a classificação de **Pedersen**. Apresenta sinais de patologia nas vértebras e em algumas articulações. O tálus evidencia que costumava ficar na posição de cócoras, hábito comum entre as populações indígenas (pré-históricas e atuais) do Brasil (Mello e Alvim & Uchôa, 1993).

Na **sepultura 2 (S2)**, cujo indivíduo é de menor porte, registram-se os fêmures, tíbias, fíbulas e úmeros com ausência das epífises distais e proximais, além da fragmentação nas diáfises. Faltam o crânio e a mandíbula. Os 11 dentes remanescentes estão desarticulados e apresentam pouquíssimo desgaste.

No sedimento que envolvia os esqueletos foram encontrados um dente de porco-do-mato (*Taiassu sp.*) e uma uniponta pedunculada confeccionada em osso de mamífero, possivelmente utilizada na caça de animais de porte médio. A

presença de pedúnculo sugere uma composição desse artefato com flechas e lanças. (Fossari, 1985) Destaca-se a presença de um fragmento de concha de molusco da família *Tonnidae*. O gênero *Tonna* (**Brunnich**) agrupa duas espécies. *T. galea* (**Linnaeus**) ocorre no Mar Mediterrâneo, litoral Indo-Pacífico, Oeste da Índia, e Norte e Nordeste do Brasil, habitando fundos arenosos. Registra uma subespécie, *Tonna galea brasiliana* (**Morch**), que ocorre no litoral do Espírito Santo até o Uruguai. A outra espécie é *Tonna maculosa* (**Dillwyn**), que ocorre nas Bermudas, Flórida, Índias Ocidentais, Colômbia, Venezuela e Brasil, do litoral do Ceará até a Bahia (Rios, 1970: 75). Não foi possível identificar se o fragmento pertence a uma ou outra espécie. Porém, como se trata de uma concha de molusco exclusivamente marinho, podemos inferir que este grupo humano frequentava o litoral ou mantinha contatos com populações litorâneas.

Os sepultamentos de Salto Grande do Paranapanema são importantes na medida que proporcionam uma oportunidade ímpar para o estudo das populações horticultoras pré-históricas do interior de São Paulo: deles se obteve a única evidência de crânio praticamente completo nas séries esqueletais que compõem o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia. Trata-se de um exemplar que posteriormente poderá se integrar em um estudo de população que, aliado à análise do meio ambiente e da cultura material adicionará conhecimentos à história do povoamento do Planalto Meridional Brasileiro.

José Luiz de Morais *
Sílvia Cristina Piedade **

Referências bibliográficas

FOSSARI, T. D.

(1985) *A indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo piloto do material de Enseada – SC e Tenório – SP* – Dissertação de Mestrado FFLCH – USP.

MELLO e ALVIM, M.C.; UCHÔA, D.P.

(1993) Efeitos do hábito de cócoras no tálus e na tíbia de indígenas pré-históricos e de um grupo atual

do Brasil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 3:35-53.

RIOS, E.C.

(1970) *Coastal Brazilian seashell*. Rio Grande, RS, XI.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Coordenador do Projeto Paranapanema.

(**) Serviço de Curadoria do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Recebido para publicação em 10 de dezembro de 1994.